

RESGATE E REINVENÇÃO: UTOPIAS FEMINISTAS NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX AO XXI NAS OBRAS "A RAINHA DO IGNOTO" (1899), DE EMÍLIA FREITAS E O CORDEL "VIAGEM À SANTA VONTADE" (2008), DE MARIA GODELVIE

RESCUE AND REINVENTION: FEMINIST UTOPIAS IN BRAZILIAN LITERATURE FROM THE 19TH TO THE 21ST CENTURY IN THE WORKS "A RAINHA DO IGNOTO" (1899), BY EMÍLIA FREITAS AND THE CORDEL "VIAGEM À SANTA VONTADE" (2008), BY MARIA GODELVIE

RESUMO

Este trabalho acadêmico é originado a partir da Dissertação de Mestrado em Estudos Literários intitulada Utopias de gênero na literatura brasileira: A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas, e Viagem à Santa Vontade, de Maria Godelivie, defendida no ano de 2016 na Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, em Maceió/AL. Concentra-se na discussão a respeito das utopias de gênero na Literatura Brasileira, analisando duas obras principais: "A Rainha do Ignoto" (1899) de Emília Freitas e o cordel "Viagem à Santa Vontade" (2008) de Maria Godelivie. A pesquisa objetiva-se por resgatar e dar visibilidade à produção literária feminina que aborda questões de gênero e feminismo, muitas vezes marginalizada no cânone literário. Explorou-se como essas narrativas, separadas por mais de um século, utilizam a ficção utópica e a Cocanha para criticar o patriarcado e subverter os papéis sociais binários, imaginando não-lugares que oferecem refúgio e empoderamento feminino, seja através do separatismo de gênero ou da inversão de dinâmicas de poder. Também foram catalogadas outras obras brasileiras de autoria feminina nos subgêneros de ficção científica, utopia e distopia, sugerindo futuras investigações.

Palavras-chave: Utopia, Estudos de gênero, Feminismo, Emília Freitas – Crítica e interpretação, Maria Godelivie – Crítica e interpretação, Literatura comparada.

ABSTRACT

This academic work originated from the Master's Dissertation in Literary Studies entitled "Gender Utopias in Brazilian Literature: The Queen of the Unknown, by Emília Freitas, and Journey to the Holy Will, by Maria Godelivie, defended in 2016 at the Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, in Maceió/AL. It focuses on the discussion about gender utopias in Brazilian Literature, analyzing two main works: "A Rainha do Ignoto" (1899) by Emília Freitas and the cordel "Viagem à Santa Vontade" (2008) by Maria Godelivie. The research aims to rescue and give visibility to female literary production that addresses issues of gender and feminism, often marginalized in the literary canon. The study explored how these narratives, separated by more than a century, use utopian fiction and Cocanha to critique patriarchy and subvert binary social roles, imagining non-places that offer refuge and female empowerment, whether through gender separatism or the inversion of power dynamics. Other Brazilian works by female authors in the subgenres of science fiction, utopia, and dystopia were also cataloged, suggesting future research.

Keywords: Utopia, Gender Studies, Feminism, Emília Freitas – Criticism and Interpretation, Maria Godelivie – Criticism and Interpretation, Comparative Literature.

**Aline Maire de Oliveira
Gomes**

Universidade Federal de
Alagoas
profamaalinemaire@gmail.com
OrCID: 0009-0009-5242-7819

Introdução

A literatura brasileira, ao longo de sua história, tem relegado à margem muitas vozes femininas, especialmente aquelas que se aventuraram em gêneros especulativos como a “ficção científica, utopias e distopias” (Gomes, 2016, p. 13). A dissertação intitulada “Utopias de gênero na literatura brasileira: A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas, e Viagem à Santa Vontade, de Maria Godelivie” (Gomes, 2016) se propôs a preencher essa lacuna, tendo como objetivo principal mapear, selecionar e analisar obras especulativas de autoria feminina na literatura brasileira que se alinham à tradição utópica e oferecem subsídios para leituras feministas focadas em questões de gênero.

A dissertação aqui analisada centraliza sua análise em duas obras temporalmente distantes, mas conceitualmente conectadas: “A Rainha do Ignoto” (1899), de Emília Freitas, e “Viagem à Santa Vontade” (2008), de Maria Godelivie. A primeira é estudada como uma “utopia separatista de gênero” (Gomes, 2016, p. 24), enquanto a segunda é interpretada como uma “Cocanha com contornos feministas” (Gomes, 2016, p. 55). Ao fazê-lo, a pesquisa contribui para o resgate historiográfico da produção literária feminina, dando visibilidade a um corpus que ainda demanda maior exploração acadêmica e problematizando as políticas de gênero através das metáforas do separatismo e da terra da Cocanha.

No que concerne ao título do artigo, este traz à tona a tríade Resgate, Reinvenção e Utopias femininas e considera o Resgate refletido diretamente como um dos principais objetivos da dissertação, que foi “localizar, selecionar e analisar obras especulativas” (Gomes, 2016, p. 8). Logo, ao realizar um trabalho de “resgate historiográfico pela crítica feminista brasileira” (Gomes, 2016, p. 28) que trouxe “A Rainha do Ignoto” à tona novamente e a necessidade de “recuperação de mais uma parte da história intelectual da mulher no Brasil” (Nadaf, 2006, p. 71) reafirma a condição do estudo “como forma de resgate de um corpus de utopismos literários de autoria feminina, que se encontravam na obscuridade” (Gomes, 2016, p. 12).

No que concerne a Reinvenção enfatiza-se que este termo abrange tanto a forma como as autoras das obras pesquisadas e que inspiraram a dissertação de Gomes (2016) criam mundos alternativos, reinventando as relações de gênero e desafiando o

patriarcado, quanto o conceito de revisão de Adrienne Rich (1979), que é aplicado à leitura da Cocanha de Godelivie, nos consubstanciamos de sua compreensão, pois:

Re-visão – o ato de olhar para trás, de ver com um novo olhar, de entrar em um texto a partir de uma nova direção crítica – é para nós mais do que um capítulo na história cultural: é um ato de sobrevivência. Até que possamos entender as pressuposições em que estamos enraizadas, não podemos conhecer a nós mesmas. E essa vontade de autoconhecimento, para as mulheres, é mais do que uma busca de identidade: é parte de nossa recusa de uma sociedade autodestrutiva dominada pelos homens. Uma crítica radical da literatura, feminista em seu impulso, consideraria a obra prioritariamente como um indício de como vivemos, como temos vivido, como temos sido levadas a nos imaginar, como a nossa linguagem tem nos aprisionado ou liberado, como cada ato de nomear tem sido até agora uma prerrogativa masculina, e como podemos começar a enxergar e a nomear – e, portanto, a viver – de uma nova maneira. Uma mudança no conceito de identidade sexual é essencial para que a velha ordem política não seja reafirmada em cada nova revolução. Precisamos conhecer os escritos do passado, e conhecê-los de uma forma diferente daquela em que sempre os conhecemos; não passar adiante uma tradição, mas quebrar as correntes que nos prendem a ela. (Rich, 1979, p. 35, no prelo, grifos meus).

As obras analisadas constroem “mundos gendrados alternativamente” (Gomes, 2016, p. 77), sugerindo uma reinvenção das estruturas sociais. Logo, quando se evidencia a existência de Utopias Feministas, Gomes (2016) destaca o foco teórico e analítico da dissertação se debruçando sobre “utopismos literários” (Gomes, 2016, p. 12) “sob o enfoque feminista” (Gomes, 2016, p. 12) e aborda questões de gênero e crítica literária feminista, Estudos da Utopia. Ambas as obras são lidas sob um “viés utópico-feminista” (Gomes, 2016, p. 16).

Ao valorizar a Literatura Brasileira, a dissertação de Gomes (2016) mantém a delimitação geográfica da pesquisa, conforme o título original e o escopo do estudo em “produções brasileiras de autoria feminina” (Gomes, 2016, p. 8). No que concerne ao tempo analisado no estudo “do Século XIX ao XXI” (Gomes, 2016) enfatiza a abrangência temporal das obras analisadas, que se estendem por mais de um século (“A Rainha do Ignoto” de 1899 e “Viagem à Santa Vontade” de 2008), mostrando a “transtemporalidade” (Gomes, 2016, p. 76) do tema do feminismo e das questões de gênero. Ambos os títulos buscam ser mais instigantes e resumem a essência inovadora e a contribuição da pesquisa de Gomes (2016), destacando a ação (resgate, reinvenção, cartografia) e os conceitos-chave (feminismo, separatismo, Cocanha).

O Contexto e a Urgência do Resgate da Literatura Feminina no Brasil

Historicamente, o cânone literário brasileiro tem sido predominantemente masculino e centrado em uma visão falocêntrica da cultura, resultando no pouco reconhecimento e marginalização das obras de autoria feminina. Esse cenário, conforme apontado por Zahidé Muzart e Susana Funck, torna o trabalho de resgate "antes de tudo um protesto feminista, logo, político" (Muzart, 2004, p. 24-25).

A partir dos anos 1980, o impacto do pensamento e das práticas feministas nos Estudos Literários brasileiros impulsionou a criação de grupos de pesquisa, como o Grupo de Trabalho "A Mulher na Literatura" da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), que têm como um de seus principais objetivos dar visibilidade a essa produção negligenciada (Muzart, 2004).

A dissertação de Gomes (2016) se insere nessa vertente, buscando obras especulativas – um termo que abrange utopias, distopias e ficção científica – que se alinham a uma tradição de "utopismos literários brasileiros" (Gomes, 2016, p. 12).

A utopia, como "não-lugar" (Gomes, 2016, p. 18) ou "bom-lugar" (Gomes, 2016, p. 18), surge da insatisfação com a realidade existente e possui uma intrínseca "força transformadora" (Ribeiro, 2003, p. 174), projetando mundos melhores. Essa dimensão utópica é crucial para a expressão feminina, funcionando como uma "válvula de escape para o confinamento em que viviam" (Muzart, 2004, p. 26) as mulheres em uma cultura patriarcal.

Além disso, a análise de Gomes (2016) incorpora o conceito de heterotopia de Michel Foucault (1984), que se refere a espaços reais e utopias realizadas que refletem e subvertem outros lugares, permitindo uma leitura mais profunda das dinâmicas espaciais e sociais nas obras analisadas são consideradas a partir da noção de espaços reais, que são:

[...] espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles reflectem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, heterotopias. (Foucault, 1984, p.3)

O estudo de espaços reais a partir de Foucault (1984) contribui significativamente para a dissertação analisada ao fornecer um arcabouço teórico para a análise de certas dimensões das obras literárias, especialmente no que tange aos conceitos de utopia e feminismo.

Mais especificamente, a dissertação de Gomes (2016) utiliza o conceito de heterotopias de Foucault (1984) para aprofundar a compreensão dos espaços ficcionais apresentados. A contribuição pode ser detalhada da seguinte forma: o conceito de espaços reais é diretamente ligado à definição de heterotopias de Foucault, que são "espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade" (Foucault, 1984, p. 3).

Diferentemente das utopias, que são "sítios sem lugar real" (Foucault, 1984, p. 4) e "fundamentalmente irreais" (Foucault, 1984, p. 4), as heterotopias são descritas como "contra-sítios, espécies de utopias realizadas" (Foucault, 1984, p. 3) dentro da realidade. Elas são lugares onde os outros sítios reais de uma cultura podem ser encontrados, representados, contestados e invertidos simultaneamente.

Em "A Rainha do Ignoto" a noção de heterotopia é aplicada para analisar as embarcações (Tufão, Neblina, Grandolim) presentes no romance, de Emília Freitas. Embora Foucault (1984) tenha teorizado sobre heterotopias quase um século após a publicação da obra de Freitas, o estudo estabelece um paralelo, interpretando essas embarcações como "heterotopias ficcionais" (Gomes, 2016, p. 48).

No que concerne a compreensão da função dos espaços na narrativa essas heterotopias funcionam como "lugares compensatórios da 'realidade' insatisfatória" (Gomes, 2016, p. 48) da sociedade patriarcal do século XIX, servindo como uma espécie de santuário e ambiente de acolhimento para mulheres que foram vítimas de desventuras, sofrimento ou injustiça.

A dissertação de Gomes (2016) propõe a denominação "heterotopia feminista-separatista de gênero" (Gomes, 2016, p. 48) para caracterizar esses espaços. As embarcações são vistas como "extensões móveis e flutuantes de um "bom-lugar" (Gomes, 2016, p. 48) onde as mulheres podem conviver em contraponto à sociedade falocêntrica.

Evidenciando a existência do simbolismo da mobilidade e liberdade sob a perspectiva de Foucault (1984) descreve o navio como a "heterotopia por excelência"

(Foucault, 1984, p. 7), um “pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar” (Foucault, 1984, p. 7), que permite o “grande escape da imaginação” (Foucault, 1984, p. 7). Essa ideia de mobilidade e liberdade, intrínseca às embarcações como heterotopias, reforça o potencial subversivo da ficção de Freitas, ao representar espaços onde as mulheres do século XIX poderiam alcançar mobilidade e liberdade em um contexto histórico de confinamento.

A complexidade de acesso a esses mundos alternativos, que restringem a entrada de visitantes externos (principalmente homens), é interpretada como um reforço do “tema do separatismo” (Gomes, 2016, p. 58), um traço feminista recorrente na literatura. A análise desses espaços reais ficcionais destaca a luta feminina por mobilidade, realização, igualdade e a abolição da predominância masculina, o que sublinha um forte teor subversivo na obra de Freitas (1899).

O estudo de espaços reais através da lente das heterotopias de Foucault (1984) permite à dissertação de Gomes (1984) ir além da mera categorização de utopias, oferecendo uma análise aprofundada de como as autoras utilizam a criação de lugares específicos para contestar e inverter as relações de poder de gênero, fornecendo uma base teórica robusta para as leituras feministas das obras.

Materiais e Métodos

Para a pesquisa da dissertação de Gomes (2016) e deste artigo utilizou-se uma metodologia multifacetada para alcançar seus objetivos, que envolveu as seguintes etapas e abordagens: o mapeamento e seleção de obras literárias reafirmando o objetivo inicial, o ato de localizar, selecionar e analisar obras especulativas (ficção científica, utopias e distopias) de autoria feminina na literatura brasileira. Foi realizado um mapeamento de textos literários de autoria feminina em língua portuguesa.

No que se refere aos critérios para a escolha das obras que foram analisadas fez-se a busca por “recorrências temporais, temáticas e/ou formais” Gomes (2016, p. 12) que permitissem uma aproximação com a tradição utópica na literatura. Dentre as obras levantadas, optou-se pela análise do romance “A Rainha do Ignoto” (1899), de Emília Freitas (1899), e do cordel “Viagem à Santa Vontade” (2008), de Maria Godelivie (2008).

A escolha foi devido ao fato de seus textos fomentarem a discussão de gênero e se alinharem aos utopismos brasileiros.

No apêndice da dissertação de Gomes (2016) contém o resultado detalhado do mapeamento de textos de autoria feminina. No que se refere a análise literária com foco em Gênero e Utopia empreendeu-se leituras feministas centradas nas questões de gênero. No caso de “A Rainha do Ignoto” informa-se que a mesma foi abordada como uma “narrativa de contorno separatista de gênero” (Gomes, 2016, p. 8), buscando evidenciá-la sob a perspectiva dos Estudos Críticos da Utopia em interface com um enfoque feminista de leitura. Já “Viagem à Santa Vontade” foi lida como uma “Cocanha flexionada em contornos feministas” (Gomes, 2016, p. 8).

Para fundamentar as leituras e análises, o estudo considerou as teorizações de diversos pesquisadores nas seguintes áreas: Estudos de Gênero e crítica literária feminista: Ildney Cavalcanti (2003), Ruth Levitas (2001), Susana Funck (1993), Zahidé Muzart (1990; 2004; 2006; 2010), e Adrienne Rich (1979), com o conceito de Re-visão como um ato de sobrevivência para as mulheres. Também foram contemplados os Estudos da Utopia: Lyman Tower Sargent (1994; 2010), Michel Foucault (1984), Tom Moylan (2003), e Antônio Xavier (2009).

O estudo de espaços reais se liga à definição de heterotopias de Foucault (1984), que são contra-sítios, espécies de utopias realizadas dentro da realidade, sendo aplicadas para analisar as embarcações de “A Rainha do Ignoto” como heterotopias ficcionais. No que se inspira a partir dos Estudos da Cocanha contribuem os autores Hilário Franco Júnior (1998) e Sérgio Buarque de Holanda (2000). Sobre a Teoria do Carnaval na literatura nos inspira Mikhail Bakhtin (1987; 2010) e sobre Intertextualidade utilizou-se a compreensão de intertextualidade de Mikhail Bakhtin (1987), Umberto Eco (1985) e Julia Kristeva (2005) para analisar as referências e diálogos da obra de Emília Freitas com outras produções culturais.

Este trabalho reforça a importância da dissertação de Gomes (2016) no que se refere a sua contribuição para a área dos Estudos da Utopia, com ênfase em produções brasileiras de autoria feminina, um campo que ainda demanda maior exploração, e para a construção da fortuna crítica das escritoras nordestinas Emília Freitas (1899) e Maria

Godelivie (2008). Busca-se dar maior visibilidade a obras de autoria feminina que se encontravam na obscuridade ou à margem do cânone literário.

“A Rainha do Ignoto”: separatismo feminino no Século XIX

“A Rainha do Ignoto”, de Emília Freitas (1899), é um romance psicológico com um marcante traço utópico-separatista de gênero. Emília Freitas, uma escritora pioneira do Ceará, publicou sua obra em um contexto de patriarcalismo urbano e rural que limitava a educação e a atuação feminina. O romance apresenta a Ilha do Nevoeiro, uma comunidade secreta e hierarquicamente organizada de mulheres, liderada por uma rainha que atua como uma “super-heroína do bem” (Gomes, 2016, p. 26). Este espaço funciona como um santuário para mulheres que sofreram na sociedade patriarcal, oferecendo um não lugar que permite a realização feminina.

O separatismo de gênero na obra, onde as mulheres têm “controle total da situação” (Gomes, 2016, p. 45) e autonomia para diversas tarefas, mesmo admitindo homens em posições inferiores, efetua uma “inversão dos papéis sociais binários” (Gomes, 2016, p. 45). Essa estratégia literária é um potente instrumento de crítica à sociedade falocêntrica, mostrando que as mulheres podem (sobre)viver e prosperar sem a predominância masculina. O travestimento de uma personagem masculina para adentrar o reino feminino, por exemplo, é uma metáfora da subversão das convenções de gênero.

A obra de Freitas (1899) demonstra ricas intertextualidades, bebendo de fontes como a “Utopia” de Thomas More (com tropos como o do viajante, a ilha como refúgio, e a padronização das vestimentas), Robin Hood (no altruísmo da rainha que rouba dos ricos para dar aos pobres), e até mesmo Shakespeare (na temática do suicídio romântico). Essas referências não apenas enriquecem a narrativa, mas também são estratégias da autora para se inserir, ainda que ironicamente, em um cânone predominantemente masculino, afirmando sua voz em um cenário que lhe era desfavorável. O fato de “A Rainha do Ignoto” ter sido redescoberta e reeditada no século XXI, servindo de protótipo para novas criações, prova seu legado como utopia feminista. As embarcações da Rainha do Ignoto, como o Tufão, Neblina e Grandolim, também são interpretadas como heterotopias feministas-separatistas, representando espaços móveis de acolhimento e resistência.

"Viagem à Santa Vontade": A Cocanha Feminista do Século XXI

"Viagem à Santa Vontade", de Maria Godelivie (2008), é um cordel que se posiciona como uma "Cocanha contemporânea de contornos feministas" (Gomes, 2016, p. 57). A Cocanha, forma poética popular medieval, é caracterizada pela abundância (de comida, dinheiro), ociosidade, juventude eterna e liberdade (inclusive sexual), funcionando como uma sátira ou "mundo às avessas" da realidade. Godelivie, uma professora e poeta paraibana, inova essa forma ao infundir-lhe um "forte apelo feminista" (Gomes, 2016, p. 55).

No cordel, a personagem principal viaja oniricamente para Santa Vontade, um "lugar que existe de verdade / No desejo das mulheres / Amantes da liberdade" (Godelivie, 2008, p. 1). Neste outro lugar, quem domina é a mulher, e os homens realizam todos os desejos delas, desempenhando as tarefas domésticas e de serviço, o que confere uma ociosidade unilateral às mulheres. Essa "inversão de papéis binários" (Gomes, 2016, p. 20) é uma crítica satírica aos padrões tradicionais da sociedade patriarcal. A liberdade sexual para as mulheres também é explicitamente abordada, reforçando a igualdade de direitos e a quebra de tabus.

A obra de Godelivie (2008) é lida como uma escritura revisionista da Cocanha tradicional, inserindo um tom político-feminista e dialogando com outros poetas brasileiros (Manuel Bandeira, Manoel Camilo, Manoel Monteiro) logo na primeira estrofe, o que a posiciona em uma tradição literária enquanto subverte as expectativas de gênero. Embora a inversão de papéis possa, por um lado, ser vista como uma reafirmação do binarismo de gênero ao invés de sua completa desconstrução – uma questão levantada pela crítica feminista contemporânea – ela inegavelmente desautomatiza as relações sociais e provoca reflexão. O final do cordel, que se afasta da ficção e assume um tom de discurso político direto, evidencia a militância da autora e a urgência das questões de gênero que a insatisfazem no presente histórico.

Conclusão

As obras "A Rainha do Ignoto" e "Viagem à Santa Vontade", apesar de suas distinções de gênero literário (romance vs. cordel) e de seus contextos históricos separados por mais de um século, revelam um potencial crítico feminista e utópico comum. Ambas as autoras constroem mundos gendrados alternativamente, projetando espaços de realização e questionamento que funcionam como portais ou saídas de um sistema patriarcal opressor. Enquanto Freitas cria um enclave separatista para a plena realização feminina em um ambiente de sororidade, Godelivie utiliza a sátira e a inversão de papéis para criticar o falocentrismo e desafiar as convenções sociais.

As análises aqui realizadas demonstram a transtemporalidade do tema do feminismo e das questões de gênero na literatura brasileira, reforçando que, apesar dos avanços, a luta pela igualdade ainda é premente. O resgate e o estudo de obras como as de Emília Freitas e Maria Godelivie não apenas enriquecem a historiografia literária, mas também fornecem material crítico essencial para a descolonialidade de gênero e para a construção de um mundo mais justo e equânime. A literatura utópica, nesse sentido, não é apenas um "sonhar social", mas um ato de resistência e um convite contínuo à reflexão e à ação para que a utopia da igualdade de gênero seja, de fato, concretizada.

Referências

1. BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução: Yara Frateschi Vieira. São Paulo. HUCITEC. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 1987.
2. BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.
3. CAVALCANTI, Ildney. A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura. In: Brandão, I.; Muzart, Z. (Orgs.) **Refazendo Nós: Ensaios sobre Mulher e Literatura**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
4. ECO, Umberto. **Pós-escrito a Il nome della rosa**. Trad. L. Z. Antunes e Á. Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

5. FOUCAULT, Michel. **De outros espaços**. 1984. Disponível em:
http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf Acessado em: 10 ago. 2015.
6. FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha**: a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
7. FREITAS, Emilia. **A Rainha do Ignoto**: romance psicológico. Fortaleza: Imprensa oficial do Ceará, 1899.
8. FUNCK, Susana. Feminismo e utopia. **Estudos feministas**, n.1, p.33-48, 1993.
Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/15986/14484> Acessado em: 30 jun. 2025.
9. GOMES, Aline Maire de Oliveira. Utopias de gênero na literatura brasileira: A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas, e Viagem à Santa Vontade, de Maria Godelvie. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.
10. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
11. KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
12. LEVITAS, Ruth. For Utopia: The (Limits of the) Utopian Function in Late Capitalist Society. In: GOOGWIN, Barbara (ed). **The Philosophy of Utopia**. London and Portland: Frank Class, 2001.
13. MOYLAN, Tom. Utopia e pós-modernidade: seis teses. **Leitura**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Número temático: Literatura e Utopia. Universidade Federal de Alagoas/CHLA. n. 32 (jul./dez. 2003). Maceió: Edufal, 2003, p. 121-134.
14. MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX. Vol. 2**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.
15. MUZART, Zahidé Lupinacci. **Artimanhas nas entrelinhas**: leitura do paratexto de escritoras do século XIX. 1990. Disponível em:

- <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17202/15776>. Acesso em: 19 mar. 2025.
16. MUZART, Zahidé Lupinacci. Histórias da Editora Mulheres. **Estudos Feministas**. v. 12. Florianópolis, setembro-dezembro/ 2004, p.103-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a11v12ns.pdf>. Acessado em: 24 jun. 2025.
17. MUZART, Zahidé Lupinacci. Poeira de arquivo: vozes da belle-époque. In: CAVALCANTI, Ildney. LIMA, Ana Cecília. SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades**. Maceió: Edufal, 2006.
18. MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma editora de fundo de quintal: a Editora Mulheres. In: STEVENS, Cristina. **Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.
19. NADAF, Yasmin Jamil. Os caminhos da pesquisa sobre a mulher e a escrita em Mato Grosso. In: CAVALCANTI, Ildney. LIMA, Ana Cecília. SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades**. Maceió: Edufal, 2006, p. 65-75.
20. RICH, Adrienne. **On lies, secrets, and silence: selected prose 1966-1978**. New York – London: W. W. Norton & Company, 1979.
21. SARGENT, Lyman Tower. The Three Faces of Utopianism Revisited. **Utopian Studies**, 1994. Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/4103100/three-faces-utopianism-revisited>. Acesso em: 16 fev. 2025.
22. SARGENT, Lyman Tower. **Utopianism: A Very Short Introduction**. UK: Oxford University Press, 2010.
23. XAVIER, Antônio Rodney Mouta. **Conceitos e Tipologias das Utopias**. Sobral-CE, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/22124/1/Topicos-Especiais---Introducao-aosEstudos-das-Utopias/pagina1.html>. Acessado em: 18 jan. 2025.